

AMORES SEGREDOS*

Fantasmas e sintomas

No atual século XXI, época na qual o amor é concebido como líquido, convive-se com a evanescência dos laços, com o “zapping” das eleições de parceiros nas redes sociais digitais e com meios técnicos que prometem encontros amorosos de sucesso. Vivemos no seio de uma nova ordem do capitalismo, onde a fascinação produzida pelo mercado de obter objetos leva à ideia utópica de acreditar que a pulsão tem objeto e que uma harmonia pode ser alcançada na relação do sujeito com a pulsão. Isto se percebe como um empuxe a não querer saber sobre o fracasso da natureza humana. Em outras palavras, o capitalismo não lida com o amor, ele só explora o gosto humano pelo amor. O mercado explora esse gosto, embora não se preocupe em sustentar o amor, porque se há “algo” que o capitalista não pode comprar é justamente o amor.

Diante dessa nova ordem, a psicanálise abre outro caminho que permite esclarecer a aura de mistério que envolve ao amor. Lacan propõe uma fórmula: “amar é dar o que não se tem... a alguém que não quer”¹. Assim, o amor é um presente que permite dar o que você não tem, o que você não conhece; isso supõe acreditar minimamente no discurso do Outro, no próprio inconsciente: o inconsciente que é o Outro mais radical para cada um, aquele que é um saber que não se conhece. Está implícito nessa afirmação que o outro não é amado por qualquer qualidade que possa ser objetivada, mas que a pessoa ama na medida em que o outro é suposto ter algo consubstancial ao nosso desejo. É comum que o amor, essa pequena fantasia necessária, nos permita encontrar um refúgio para o desamparo a que todos nos estamos expostos. E aí se esconde o que há de mais misterioso e único sobre o ser humano, entendendo que quanto mais próximo os amantes ficam, mais vão tudo se torna, pois eles nunca mais serão o mesmo ser.

Desde a psicanálise, o amor tem um envoltório formal, que tem variado nas distintas épocas. Porém, há algo transversal que atravessa o amor e que não mudou, tratando-se desse impossível nas relações entre homens e mulheres que tem a ver com a sua maneira de gozar e com a sua sexualidade. Nesse

¹ Lacan, J., *Seminário X- La angustia*, Edit. Paidós, Argentina, 2006. P. 122

* Responsables: María Elena Lora-Liliana Bosia

Integrantes de la Dupla: Flores Eugenia, García Lilibeth, Guzmán Marcelo, Ibañez Ana, Jara Jessica, León Arianne, Nuñez Isaac, Ochoa Ramón, Ortiz Sergio, Restrepo Cecilia, Valencia Zindy

sentido, o fala-ser é capaz de uma série de extravagâncias ligadas ao amor incomparáveis, maravilhosas e indispensáveis para a vida. Diante da impossibilidade de harmonia e da complementaridade dos gozos, este fala-ser conta com uma suplência que é o amor. Suplência que se corresponde com a cultura, com a palavra, com a linguagem. Deste modo, através da história o amor se vestiu com diferentes vestimentas imaginárias e simbólicas, sendo em cada caso uma suplência para a impossibilidade, ao mesmo tempo é também um esquecimento dessa impossibilidade.

A irrupção da sexualidade e do gozo no corpo sempre contém uma borda traumática. É uma experiência sentida pela qual o inconsciente não para de construir respostas repetitivas: o fantasma e o sintoma. Então, quando surge a faísca do encontro amoroso, sente-se, por um lado, uma certeza e, por outro, um desconhecimento dos motivos que o levaram a escolher "esta" pessoa especificamente. O que é desconhecido nos permite afirmar que existe algo clandestino, oculto, secreto e este é um vislumbre que define o amor; Não se sabe na hora que isso apenas ocorre. É uma escolha absolutamente inconsciente, o sujeito consciente não é o dono dessa escolha.

Vale a pena esclarecer que a etimologia revela “segredos” que habitam as palavras mesmas, a palavra “clandestino” vem do latim *clandestinus*; de *clam*: segredo e de *celare*: esconder, esconder. É suficiente com amar um pouco as palavras, para que elas condescendam em sair um pouco de seu esconderijo e lançar o sujeito na vertigem das palavras, o que produzirá um deslocamento de seu dizer cotidiano; de forma que, ao falar, o segredo e o silêncio sejam delineados como algo inerente ao amor e à vida. Por tudo isso, falar de amores secretos não se refere às histórias secretas dos amantes, mas ao "segredo próprio" que o amor acarreta para cada um.

A obsessão atual em escrutinar cantos, abolir dobras, anular cantos faz parte do cotidiano e isso se manifesta na exigência de transparência e no despojamento de todos os véus. Isso também se verifica nas relações detonadas pela galáxia digital que estão envolvidas no cancelamento da singularidade, ou seja, todos podem “amar sem se apaixonar”. Este turbilhão de clareza, de iluminação impede a proteção de uma certa opacidade, não dá lugar a uma residência discreta do íntimo, do singular, do amor que só "está" no segredo. Não existe amor sem segredo. O segredo, assim como o mal segundo Baudrillard, permeia a vida cotidiana. Ao navegar nas turbulentas águas da linguagem em busca de alcançar o escuro objeto de desejo, o segredo permanece sólido e ao mesmo tempo evasivo. Porque o segredo encontra seu lar além das palavras.

Tentar falar sobre o segredo do amor envolve delicadeza, proceder como o porco-espinho faz o amor: com extremo cuidado. O porco-espinho está eriçado de espinhos que se podem rasgar e que é o que resta depois? só os espinhos, porque o segredo foi disparado de longe e o ouriço já está em outro lugar. Isto supõe para o fala-ser, ser transformado em ouriço com os espinhos do segredo cravados como dardos.

Da mesma forma, os segredos constituem a proposta desafiadora e aterrorizante que o sujeito enfrenta na experiência da análise, cuja relação analítica não está isenta de um laço de amor que os liga; assim, no dispositivo analítico, tenta-se contornar, aproximar-se do coração inatingível do indizível, do impossível. A ideia de perfurar, passar o segredo, supõe cruzar o que se esconde de si mesmo, indo ao “segredo do segredo”. Esta ideia sugere que não se trata de conhece-lo nem esta a dispor de ninguém, mas a sua presença é ígnea e o fala-ser vive confrontado com este mistério da vida, atento ao que ferve no seu caldeirão.

Não se trata de um segredo que clama para ser contado, mas de um segredo desconhecido, indizível, no qual a certeza do amor se impõe de diferentes formas como uma flecha, um olhar cuja intensidade ultrapassa o sujeito produzindo um estranho choque para o tipo de vínculo que se estende com alguém ou como quando a ausência do outro se torna dolorosa, como um raio que quebra os ossos e os deixa diante de um excesso insuportável. Está-se diante daquele raio que nos atravessa, daquilo que a pessoa não escolhe, isso que não se sabe muito bem o que é, mas que acontece. Obviamente, toda paixão repercute em um momento retroativo, o que permite localizar aquele primeiro momento em que ocorreu a explosão, ou seja, quando foi mantida uma afinidade com alguém, o que poderia ter resultado em não ir para nenhum lugar, ou pelo contrário, isso poderia ter levado a algo muito intenso.

Esta surpresa desencadeia um enxame de cócegas, tremores, fantasmas, afetos e sintomas, de tudo o que é marca do próprio exílio, do próprio exílio da relação sexual, em cada pessoa; é algo impossível de localizar que se afunda palpitante no vazio que se quer contornar e que compromete fundamentalmente uma vivência da condição humana no mundo. A literatura e o cinema encenam este ponto de partida: Romeu e Julieta, certamente exemplificam que há algo que não se sabe no momento em que ocorre o encontro, uma escolha absolutamente inconsciente. Ou seja, a faísca do amor existe porque vem de outro lugar, está ligada à impossibilidade de harmonia entre os sexos.

A enigmática frase de Lacan "não há relação sexual"² é uma provocação, já que a harmonia entre os sexos é uma utopia, um impossível, implica que cada um terá que criar sua própria solução e inventar seu acesso à sexualidade. Torna-se fundamental apontar que Lacan não diz que o amor é uma fantasia da relação sexual, mas que não há relação sexual possível e que o amor está no lugar da não relação. Ele também afirma que "o que compensa a não relação sexual é precisamente o amor"³, implicando que "algo" permanece nesse vazio, que o amor é algo que está ligado à palavra em sua tentativa de nomear o inominável, que os amantes eles estão ligados por algo mais que esse relacionamento inexistente. Essa abordagem leva a sustentar que no amor, o sujeito se dirige ao ser do outro, tenta se dirigir ao ser do outro. Ou seja, no amor, o sujeito vai além de si mesmo e, embora não haja um entendimento perfeito, ele inventa maneiras de estar com o outro. As relações de casal mostram que existe apenas o momento fugaz de uma miragem, que o amor começa sempre com um encontro, um encontro que tem o estatuto de acontecimento, de algo que não entra na norma imediata das coisas, mas sim que é um encontro entre duas diferenças. É algo contingente, surpreendente, como Marguerite Duras enuncia essa "falha na lógica do universo"⁴, falha que alude ao indizível.

O ensino de Lacan aprofunda a conexão entre desejo, gozo e amor. Ele coloca o amor e os segredos como configurando uma pegada oculta, mas uma pegada transitável. Da mesma forma, no Seminário 20 ele nos fala sobre "A carta de amor", onde levanta a função da palavra de amor e uma noção de alma: "só poderia ser chamada de alma o que permite a um ser que fala suportar a intolerabilidade de seu mundo, que supõe a alma alheia a ele, isto é, fantasmática"⁵, então se ama com a alma, com o fantasma. É por isso que as condições para escolher o amor são incomparáveis, porque as marcas em cada pessoa são irrepetíveis. Assim, o encontro contingente tem a ver com as nossas marcas, com uma escrita que não depende do Outro, mas tem a ver com o fato de que nem todos os afetos do corpo podem passar pela palavra; não há escrita que permita uma complementação. A própria relação com a linguagem produz efeitos de

² Lacan, J., *Seminário XIX- ...O peor*, Edit. Paidós, Argentina, 2012. P. 13

³ Lacan, J., *Seminário XX-Aun*, Edit. Paidós, Argentina, 1989. P. 59

⁴ Duras, M., *El mal de la muerte*, Edit. Tusquets, Barcelona, 2010. P. 63

⁵ Lacan, J., *Seminário XX-Aun*, Edit. Paidós, Argentina, 1989. P. 102

gozo no corpo que o marca, aludindo ao sem sentido, ao segredo e ao capricho do gozo.

Lacan fala de um novo amor, de um amor mais digno, de algo a ser alcançado em uma análise. É a partir da experiência de uma análise que se espera abrir o tema dos segredos sem violar o segredo. Não se trata de enfrentar o segredo de maneira banal e cotidiana, pois aquela coisa inoportuna e vergonhosa da qual se desconhecem as suas condições de existência se afirma como o núcleo onde está o mais misterioso e singular do ser humano e que é a lógica singular do funcionamento do seu gozo.

No dispositivo analítico, estamos acostumados a narrar e ouvir histórias de amor; é aí onde se limita e se aprofunda no não-saber-nada, sabendo-se que aí, no não-saber, bate “aquele” que empurra e faz ao analisando começar a construir, a escrever no domínio da linguagem, pedra sobre pedra, palavra após palavra, com leveza ou precisão uma ficção em busca dos segredos que o levarão mais perto do calor do segredo inestimável e inatingível. Aí, a nossa clínica situa o desejo do analista e protege o espaço da interpretação, pois cada sujeito interpreta os seus segredos tácitos de uma forma única; e será nesta árdua tarefa de iluminar os segredos, onde também serão geradas sombras. A análise envolve mergulhar no que há de mais pessoal e estranho, implica examinar um conjunto complexo que não é outro senão o fantasma; é colocar a importância do azar e clarear a escrita singular do gozo; quando conseguimos desvelar, descobrir alguns desses segredos, aparecem mais outros segredos na tentativa de preservar “o indizível do segredo”. Com este trabalho tocaremos apenas em uma parte, ainda distante do segredo do gozo. Nessas terras se viaja na análise, com incursões, caminhos secundários, becos e desvios onde cada um desses caminhos deixa sua marca, o que nos levará a vislumbrar um pouco do segredo.

Assim, do ponto de vista da psicanálise, o segredo está associado aos objetos causa do desejo, é um segredo mesmo para quem o guarda e onde o segredo do gozo do corpo falante ocupa um lugar, onde o amor não faz nada além de reiterar a falha original da estrutura. Não se trata de alcançar o conhecimento e a elucidação total dos segredos, mas de colocar a ironia socrática de estabelecer dúvidas e questionamentos em prática, e com eles a pergunta; trata-se de ouvir como o inconsciente balbucia as confusões do amor e da vida amorosa, levantando um pouco o véu que sempre cairá em outro lugar o qual tornará evidente, sem o revelar, outro espaço desconhecido, insinuando contornar “o segredo”, o enigmático, o sem-sentido do outro gozo no corpo.

